



*Y. J. da Graça
Director do Boletim
d'Arte e de História*

PRINCEZA HELENA DE FRANÇA, DUQUEZA DE AOSTA, condecorada com a medalha de ouro pelos seus altos serviços na Cruz Vermelha
(Fotografia oferecida por Sua Alteza ao illustre clinico sr. dr. Melo Breyner, que gentilmente nos permitiu a sua reprodução).

II SÉRIE **N.º 589**

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAHHA
Assimatura Trimestre, 1\$45 ctv.—Semestre,
2\$90 ctv.—Ano, 5\$80 ctv.

NUMERO AVULSO. 12 centavos

**ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA**

Edição semanal do jornal O SECULO

Lisboa, 4 de Junho de 1917

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA L. DA
Editor—JOSÉ JOUBERT CHAVES



Cartuchos e Espingardas

De Repetição e de Carga Automatica

Remington UMC

encontrão-se em exhibição nas lojas dos commerciantes progressistas em todas as partes. O nosso novo catalogo explica as vantagens d'este artigo e uma experiencia convencerá o mais desconfiado.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
Woolworth Building, Nova York, E. U. A. do N.



AGENTE EM PORTUGAL: G. Heltor Ferreira, L. do Cãmões, 3—Lisboa

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Investigações secretas

POLICIA PARTICULAR
— Agencia Investigadora Chiado, 36, 3.º

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

Ilustração Portuguesa — BRAZIL — Qualquer pagamento só deve ser feito aos nossos agentes fixos de cada localidade, os quaes são bem conhecidos do publico e das mesmas e facilmente podem comprovar a sua qualidade, oferecendo todas as garantias de seriedade pela sua conhecida situação commercial. — No RIO DE JANEIRO são unicos agentes da Empresa do **SEculo, ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA e SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS** os srs. *José Martins & Irmão*, Rua do Carmo, 59, 1.º

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME

Brouillard

Diz o passado, e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimen-



tos que se lhe seguram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43. sobre-loja—Lisboa. Consultas a 10000 réis, 28500 e 58000.

PÕ DE ABYSSINIA EXIBARD

Sem Opio nem Morphina

Muito eficaz contra a

ASTHMA

Catarrho — Oppressão e todas affecções espasmodicas das vias respiratorias.

35 Anos de Bom Exitto. — Medsilhas Ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o

6, Rue Dombasle, 6

PARIS

EM BOAS PHARMACIAS

CASA AVRELA

PERFUMARIA
280-R. DO OURO-284

Uma atriz

Está vivendo, ou, melhor, morrendo na penuria uma atriz, cujo nome evoca uma tradição artistica interessante. E' Carlota Veloso, avó de Luz Veloso e mãe de Tomazia Veloso, a linda «Tomazinha», que morreu ha muitos anos e ainda hoje o Porto recorda com saudade.

Carlota Veloso nunca foi uma celebridade, mas foi o que, em teatro, se chama uma criatura util. Representou ao lado de Emilia das

Neves, de Virginia, dos nossos melhores artistas. Os seus ultimos anos de teatro decorreram já n'essa triste mendicidade da escritura que é a ante-camara da miséria dos artistas.

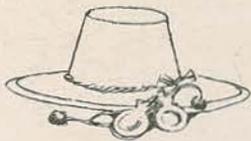
Estava muito velhinha e andava sempre acompanhada por um neto, tambem ator, Mario Veloso, que foi um dos seus ultimos amparos. De repente desapareceu. Ficou desempregada. Esqueceu. Vêm agora dizer-nos os jornaes que a sua pobreza agoniza no infortunio e na fome. E' uma historia banal e vulgar, uma historia de todos os dias—mas nem por isso deixa de ser uma historia comovente.

Espiritualmente

No famoso comicio pró-aliados, realizado recentemente em Madrid, o conhecido professor Unamuno defendeu calorosamente, no seu discurso, a intervenção da Hespanha na guerra.

«Se não podemos intervir com exercitos (disse), devemos intervir espiritalmente».

Aplaudimos. Esta fórmula nova de intervenção, proclamada por Unamuno, daria á Hespanha, nas sucessivas batalhas que se travassem, uma presença de espirito que nenhum outro paiz excederia—e isto com a vantagem incontestavel e estrategica, para a mesma nação, d'uma simultanea e igualmente inexcusable ausencia de corpo.



Ruas

A comissão executiva da Camara Municipal de Lisboa deliberou dar á travessa da Estrela, ao Bairro Alto, a denominação de «Travessa Luiza Todi», como homenagem á insigne cantora portugueza que viveu nos fins do seculo XVIII. Luiza Todi é, evidentemente, uma figura

na historia do teatro portuguez, mas é uma figura esquecida e eu tenho de ha muito tempo a impressão de que as ruas não se fizeram para taboletas de mausoleus illustres. Está bem que as cidades comemorem, por essa fórmula, a gloria d'alguns grandes nomes—mas, quanto possivel, esses nomes devem representar uma lição de civismo ou uma obra educativa, visto que a sua consagração se destina a perdurar-os na memoria dos povos. Luiza Todi foi uma celebridade do seu tempo — mas foi uma celebridade de rouxinol, cuja expressão de beleza teve a efémera vida d'uma linda primavera. O seu nome é hoje uma curiosidade erudita, fria, passada, esquecida, insignificativa. Depois, mudar o titulo d'uma rua não é uma coisa indifferente porque a cada uma d'estas contradanças que se efetuam no roteiro da cidade corresponde uma tal contradança de letreiros na cabeça dos cidadãos que d'aqui a pouco já ninguem se entende. E' rara agora a rua em Lisboa que não tem dois batismos—o official e outro de trazer por casa. Dentro em breve, haverá necessidade de fazer dois roteiros das ruas—um dos nomes proprios e outro das alcunhas. Com respeito á travessa da Estrela a questão está resolvida: a pobre e illustre Luiza Todi lá vae ficar *atravessada*, salvo seja, em cima de S. Pedro de Alcantara, um pouco adiante do sr. Eduardo Coelho, aos pés do sr. D. Pedro V, junto do ex-Principe Real, quero dizer do Rio de Janeiro, no caminho do Brazil, por alcunha, o Rato... Crédo!



Schippa

Lisboa viveu durante quasi duas semanas n'um autentico dó de peito—personificado em cav. Schipa.

Suspensas as garantias, só esse trinado doce e gorgearte continuou vibrando por entre esquadrões de cavalaria e filas compactas de ovidos enamorados e extaticos. Durante quinze dias, cav. Schipa foi o canario de Lisboa — e Lisboa, em peso, levolveu carinhos, alpista e pão de ló. Está provado que celebridades assim, candentes, voluptuosas, idilicas, só as conhecem n'este mundo os tenores, os toureiros—e os papagaios.



Augusto de Castro.

(Ilustrações de Hipolite Colomb).

Tropas para França



Officiaes de um batalhão de infantaria vindos do Porto e que já se encontram em França, conversando com um amigo

Ainda nenhum dos vapores que transportam as nossas tropas para-França sofreu a menor avaria ou contrariedade. Todos

teem chegado ao seu destino com belas viagens que parecem de recreio. Partiram mais a-semana passada, e continuam a par-



Infantaria vinda do Porto pronta a embarcar.—(Clichés Benoitte).

tir, sem que lhes falte coisa alguma, tornando-se cada vez mais admiraveis os nossos trabalhos de mobilisação.



Tropas em França

Sempre boas e animadoras notícias que nos chegam das nossas forças expedicionárias em França, sendo pena que elas se não possam publicar nos seus detalhes. O soldado portuguez conserva-se sereno e despreocupado deante do inimigo, fazendo o treino das trincheiras, e nos momentos que tem de descanso convive alegremente, na esperança de que terá uma boa parte no triunfo que não tardará muito que os aliados ob-

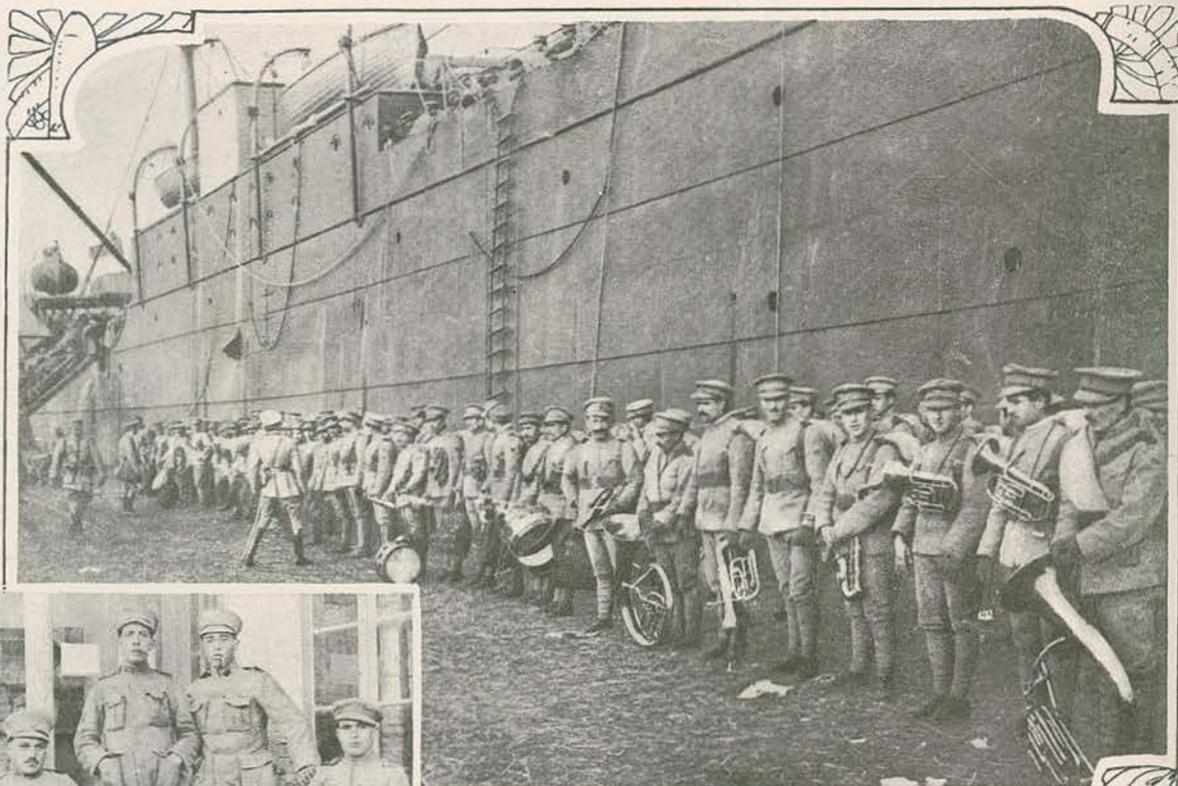


Um transporte ancorado em França

tenham sobre as tropas alemãs.



Expansões fraternas



1. Desembarque de tropas portuguesas com a sua banda J de musica.
2. Grupo de sargentos adidos ao quartel general em França.



Oficiais, sargentos, cabos e soldados, das nações aliadas, dos serviços administrativos da quartel general da base de desembarque das tropas portuguesas em França, 1. alferes Abel de Almeida, 2. tenente Gossein do exercito francez, 3. sargento Domingos.



“A Pavana Real.” — Da direita para a esquerda: As sr.^{as} D. Sára Mudat, D. Olívia Moreira d’Almeida, D. Adelana Ramos Pinto da Costa, D. Laura Leite e os srs Antonio Calem, Fernando d’Almeida, David Coimbra e João Archer.

Um Serão d’Arte no Porto

NO teatro Gil Vicente, ao Palácio de Cristal, realisou-se ultimamente um serão d’arte, promovido por uma comissão de senhoras da Assistencia das Portuguezas ás Vitimas da Guerra. Foi mais uma festa brilhantissima a reunir a outras pelas mesmas senhoras realisadas, como a «Venda da flor» e a «Feira do Palácio», em que a generosa alma feminina mais uma vez fez germinar as flôres purissimas da sua graça e do seu sentimento.

Foram escolhidas para o encantador serão obras e passagens dos escritores e poetas que hoje mais abrilhantam as letras portuguezas, como Correia d’Oliveira, Marcelino de Mesquita, Guerra Junqueiro e Rodrigo de Beça e Melo, encenados e teatralizados pela sr.^a D. Albertina de Artayett Mota, espirito culto e refinado temperamento artistico, e pelos srs. drs. Campos Monteiro e Pacheco de Miranda, o primeiro um poeta distintissimo e o segundo um medico illustre e um apaixonado cultor da arte de declamação.

No trabalho de interpretação colaboraram, com muito brilho, as sr.^{as} D. Guilhermina de Araujo, D. Sára Mudat e D. Maria, Amelia Crispiniano da Fonseca e

os srs. Diogo de S. Romão, barão de S. Lazaro, José de Carvalho e José Marcel Teixeira Lopes. Contribuíram ainda para o realce da festa, com a parte musical, os inspirados compositores Luiz Costa e Fernando Moutinho.

A parte litteraria d’esto magnifico espectáculo foi constituida pela scena caracteristica da vida aristocratica do principio do seculo findo, do dr. Beça de Melo, *A Pavana Real*, o *Auto do Busto*, de Marcelino de Mesquita, o *Auto do Ano Novo* de Correia d’Oliveira, e o excerto *Oremus da Oração á luz*, de Guerra Junqueiro. Fechou o serau com a representação d’uma deliciosa fantasia, o «Bailado das Estrélas», que obteve, como todos os outros numeros, extraordinario agrado.

Na simpatica festa, que deixou as mais li-songeiras impressões, colaboraram ainda com a sua mocidade, com a sua formosura e com o esplendor das suas riquissimas *toilettes* outras muitas sen’oras da primeira sociedade portuense, que assim contribuíram dedicadamente para a obra humanitaria e patriotica da assistencia ás vitimas da guerra.



"Auto do Ano Novo," de Antonio Correia d'Oliveira. — Interpretes: D. Gullhermina d'Araujo (Tereza), D. Sára Mudal (Maria), Barão de S. Lazaro (Reitor), José Marcel Teixeira Lopes (João).



"BAILADO DAS ESTRELAS". — As sr.^{as} D. Adriana Famos Pinto da Costa, D. Cacilda de Magalhães Bastos, D. Carolina Pereira da Costa Furtado, D. Elvira d'Artayett Andrade, D. Elvira Marques, D. Estela Teixeira da Réde, D. Maria Cacilda Calém, D. Maria Emília Guimarães, D. Maria Irene Figueira de Andrade, D. Maria Joaquina Calém, D. Maria Virgínia Teixeira Réde, D. Virgínia d'Artayett Andrade e as meninas Camilla Bauman Klein, Maria Joana Bauman Klein, Maria José Figueira d'Andrade e Maria Mercedes Teixeira da Réde.



"Oremus,, da Oração á Luz, de Guerra Junqueiro. — Interpretes: A sr.^a D. Maria Amella Crispiniano da Fonseca e o sr. José de Carvalho.

O ovo de Colombo

Os cultores do genero revista já não sabem como atrair o publico aoteatro. Lisongeiam-lhe cada vez mais os appetites da maledicencia e da sensualidade. Acabam por lhe estragar a noção do bom gosto e da moral, e nem assim conseguem todas as noites e em todos os teatros plateias cheias de inconscientes para os aplaudir. Mas o que é facto é que conseguem ainda gente bastante para dificultarem, pelo contagio da perversão do criterio e do gosto, a acção heroica dos que querem morrer sob as ruinas do teatro que diverte e educa.

Póde por isso avaliar-se o que



Auzenda d'Oliveira, no papel do *Coração português*.



Angelica Vitor, no papel de *A espada*

o espirito e faz-nos vibrar o coração da mesma fórma.

As suas revistas fazem rir os espectadores pelas exhibições do grotesco, acompanhadas de ditos maliciosos, de sublinhados, só accessiveis aos entendedores, cuja moral já não corre risco e que riem a valer, rindo muitas vezes os outros só por os verem rir com tanto gosto. Schwalbach vae um pouco na corrente por que não tem remedio; e vae tambem por tactica. Os que imaginam que vão apenas á Trindade para a gargalhada, tem de aspirar deliciosos perfumes



O sr. Eduardo Schwalbach

é a obra de Schwalbach: dupla obra de comedio-grafo e lutador. Continúa triunfante no genero revista propria-mente dita, porque, no fundo, todo o seu vasto repertorio teatral é o fruto succulento de uma revista perspicaz, fina e segura, do nosso meio

de beleza e de moral; vê a pequenez do presente arrastando-se ao pé da grandeza do passado, reconhecer em face dos defeitos as virtudes da nossa raça, moderar os impetus da gargalhada pela reflexão das coisas graves que se lhes ministram á mistura com as comicas.

Por isso é que Schwalbach atrae Lisboa inteira ao teatro, e n'isto é que está a magia do seu talento.

(Clichés do distinto fotografo, sr. J. Fernandes).



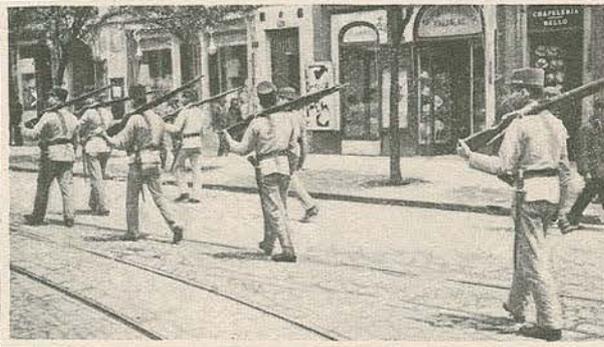
Lulz Leitão, no papel de *Ala dos Namorados*

em toda a complexidade dos aspectos da sua vida publica e intima. No *Ovo de Colombo*, *Dia de juizo*, etc., ou no *Poema a' Amor*, nos *Posições*, escusando de citar o farto catalogo das suas peças, Schwalbach é o mesmo observador, tem os mesmos segredos de factura, fére-nos o



Raul Lacerda, no papel de *Cavaleiro de Cristo*

Os acontecimentos de Lisboa



A infantaria da guarda republicana pollicando o Rocio



Guardando na rua da Palma a Perola da China depois de assalada

A falta de pão, ajudada de outras causas, ainda não bem deslindadas, deram origem em Lisboa a acontecimentos graves largamente relatados pelos jornaes.

Registamol-os n'esta pagina com as unicas fotografias interessantes que se puderam colher de alguns dos seus aspectos e lamentamol-os de véras. A nossa situação não é



Na tarde de domingo, 20, no Parque Eduardo VII, voluntarios Lisbonenses conduzinho um ferido. (Luché do distinto amator sr. Jo é Nunes de Carvalho).

evidentemente boa, mas ainda é melhor do que a de outros povos, envolvidos como nós n'este medonho conflito, mas que sabem guardar a sua serenidade deante das circunstancias dificeis, o que é uma das primeiras condições para elas se podem conjurar e remover. O socego, resta beleceu-se em breve.



A' porta da Morgue

(Luchés Benofiel).

A GUERRA

Prisioneiros alemães. — A ofensiva anglo-franceza tem sido fértil em aprisionamento de homens, reconquista de terras e apreensão de material de guerra. Os prisioneiros alemães, segundo eles próprios confessam, são tratados o melhor possível, alimentando-se até com mais regularidade do que o faziam nas suas trincheiras. Esta fotografia representa dois tipos curiosos d'esses prisioneiros, concentrados com muitos milhares de outros n'um campo inglez.



Movimento de feridos. — Enquanto o canhão trôa dominando a crepitação constante da fusilaria, por detraz das trincheiras opera-se um movimento indescritível de padiolas, macas, etc. conduzindo feridos. E' admiravel como no meio de tanta pressa vertiginosa, de tanta correria, se conduzem com cuidado e carinho esses desgraçados e se submetem aos necessarios curativos, salvando-se muitos d'eles que, sem esta obra humanitaria, morreriam infalivelmente..



Exterior de um posto de socorros na frente da batalha



O carinho com que um inglês trata de um ferido alemão



Prisioneiros alemães transportando rações com que vão matar a fome que já sentiam nas suas trincheiras.

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CRTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO, 43—LISBOA

ELE É PÃO!?

(Para uma «reprise» da revista *O Novo Mundo*).



ZÉ POVÃO:

Ha quem diga que o pão é de pau
Ou de pez, á saída do forno;
Mas tão duro, tão rijo, tão mau
Não é pau nem é pez: é de... torno

PALESTRA AMENA

Grellos, batatas, etc.

Em boa hora o digamos, estamos ainda com as costelas inteiras, ao contrario do que muita gente nossa amiga desejaria; e devemos tal integridade a dois factos, principalmente, quais sejam: 1.º, o não sermos mercieiros; 2.º, o não termos atacado nenhuma merceria.

Qualquer das profissões, a de mercieiro e a de atacadador, é simpática, sem rebuço o dizemos; mas ambas são perigosíssimas, de modo que são poucos todos os louvores que damos á divina providencia, ou lá a quem é, por nos ter inspirado o tomar por outra direção no caminho da vida, embora menos lucrativa do que as seguidas por aqueles dois grupos de cidadãos. Somos, apenas, colaboradores do *Século Comico*, missão gloriosissima, sem duvida e tambem de largos proventos, mas certamente não passaremos á historia universal com a aureola do martirio nem seremos citados, no futuro, como heroes da guerra das batatas.

Porque foi a «guerra das batatas» a que se travou ultimamente entre nós; o conflito já se tinha esboçado com uma ligeira escaramuça dos grelos, na praça da Figueira, acentuara-se com uns leves desaguizados do assucar a quatrocentos e vinte, tomara corpo com a luta entre o pão de luxo e o pão de lixo, para estalar, por fim, quando as batatas n'um dia passaram de tres e meio a doze vintens.

Bem. Tudo acabou com satisfação geral, dando-se o milagre de após os primeiros combates a batata reaparecer em gloriosa abundancia nas mercearias que a não tinham; alguns gestos energicos fizeram o prodigio em poucas horas, desfazendo a preocupação de que Portugal tinha perdido a sua antiga fama de paiz batateiro. Não; continúa a sê-lo, para honra de todos nós.

Mas quem nos diz que amanhã se não repete o caso com as cebolas, com os alhos, o cravo de cabecinha, o tremço saloio, a aborora menina ou já mulher feita, etc., etc? Ora é isso o que tememos. Resignámo-nos emquanto pudemos, isto é, emquanto a mostarda não chegou ao nariz do portuguezinho, que dá o diabo á cardada quando o não deixam dormir á vontadinha e faz todo o possivel para afastar o momento de lhe chegar a mostarda ao preguiçoso nariz. Mas uma vez com a venta a arder, porque a mostarda deixa pósinhos pegados á pituitaria por muito tempo, reaceamos que qualquer outro tempero que falte repentinamente no mercado nos leve aos extremos que se viram.

Depois vem o remedio, é claro; a acalmação decreta-se no dia seguinte, isto é, applica-se o necessario medicamento. Mas como este é caustico, como o medico não é de meias medidas e tem a mão pouco leve, o enfermo pincha com o tratamento e só vem a socegar á força de maçagens, acontecendo não raras vezes que a cura doe mais do que a enfermidade.

Emfim, desta escapámos nós — em boa hora o digamos e o diabo seja surdo.

J. Neutral.

Bela rapaziada!

Vamos dar um alegrão aos leitores. Tendo a *Illustração Portuguesa* publicado copia de uma fotografia tirada em França, em que se viam em grupo os srs. Barjona de Freitas, chefe da estação postal, padre Avelino de Figueiredo e Julio Rodrigues da Costa, acabamos de receber a seguinte carta, da qual se depreende a bela disposição da nossa heroica gente:

«França, 16 de maio de 1917 — Ex.º Sr. nosso camarada. — Os abaixo assinados, officiaes acidos de infantaria 23, com uma ida ao front, tendo visto na *Illustração Portuguesa* de 7-5-1911 um grupo em que v. ex.ª figura de capacidade de trincheiras na cabeça, vem por este meio intimar v. ex.ª a tirar o capacete. Caso contrario os signatarios fotografar-se-hão de carrimbo de correio na mão. De caminho rogo a v. ex.ª a fineza de não demorar as encomendas



postaes. — De v. ex.ª — At.ºs Ven.ºs e Obr. os. — André Brun, cap. — Antonio Teixeira, cap. — Augusto Casimiro, ten. — Barros Bastos, ten. — Abel Malhou Zuniga, ten. — José Augusto da Cruz, alf. de inf. 23. — Diamantino Antonio do Amaral, alf. do 23. — Mario Afonso de Carvalho, alf. intendente, Antonio Areosa Correia da Cruz, alf. — Manuel de Jesus Magalhães, alf. de inf. 23. — Amilcar Sarmiento Osorio, alf. de inf. 23. — Abel Batista da Silva, a f. — J. de Castro Silva, alf. medico. — José de Moura Neves, alf. medico. — Manuel Afonso Paes Gomes, alf. — Antonio Alberto dos Santos Mota, alf. — José Luciano de Vilhena Pereira, alf. — Anibal Pereira Lopes Rocha, alf. — Sebastião Carlos Ferreira Lobo, alf. — Antonio Alves Teixeira Lorga, alf. — P. S. — V. ex.ª repartirá esta carta com o nosso camarada Julio Rodrigues da Costa, dignissimo livre pensador e estimado revolucionario republicano. O nosso capelão Avelino de Figueiredo que trate de requerer para ir á 1.ª linha ou abrimos todos corôa... — Em campanha, 16 de maio de 1917.»

Atraz d'um pão

Oração, para se resar ao deitar da cama:

«Padre e senhor nosso, Antonio Maria da Silva, que estais de vez em quan-

do na direção geral dos correios e telegrafos, santificado seja o vosso nome, venha a nós a vossa democracia, seja feita a vossa vontade assim na dita direção geral como no ministerio do trabalho, mas — com mil raios — man-



dai-nos entregar o pão nosso que está na repartição das encomendas postais ha quinze dias e perdoai-nos as pragas que vos rogamos, assim como nós perdoamos as que nos tendes rogado ao lèr as nossas biscoas, e não nos deixeis cair, senhor, na tentação de um dia ir ao vosso gabinete para vos dar com uma brôa na cara. Amen.»

Oculo de vêr ao longe

Os dianhos dos nossos irmãos da banda do nascente teem, para vêr os acontecimentos portuguezes um oculo cujas lentes são maravilhosas: se lhes dissermos que aumentam duas ou tres milhões de vezes a imagem ainda ficamos áquem da verdade.

A proposito da revolta da batata — designação com que hão-de passar á historia os ultimos disturbios — escrevem eles que o Tejo se coalhou de cadaveres, que nas ruas de Lisboa correram rios de sangue, que o dr. Bernardino Machado apanhou com um



pão de quilo na cabeça, que um vulcão levou pelos ares o castelo de S. Jorge, etc.

Quê a coisa foi fosforica, não ha duvida nenhuma; mas que «o Guadiana não voltou atraz as ondas, de medroso» como quando deu sinal a trombeta castelhana, horrendo, fero, in parte e temeroso — isso tambem é verdade.

Foi uma zaragata em familia, como as que eles por lá teem tido muitas vezes, sem reparo de maior da nossa gente, provavelmente porque temos a vista clara e não precisamos dos tais oculos de alcance.

A bandeira errante

O kaiser acaba de ordenar, em proclamação ás suas tropas, que em poucos dias cravem na capital da Rússia a bandeira alemã.

As tropas ouviram, meteram pés ao caminho, e lá partiram de bandeira ao hombro, aquella mesmo que o kaiser lhes tinha mandado, em tempo, que fossem cravar em Paris, vendo-se eles obrigados n'essa ocasião a arripiar caminho.

Estamos a vêr que lhes acontece agora infelicidade identica e que o kaiser, aproveitando pela terceira vez o discurso, lhes ordena que se dirijam a Londres e arvoreem a dita bandeira na terra dos gaiteiros.

E como d'essa vez ainda não é provavel que os desejos do cavalheiro sejam satisfeitos, aí temos nós os pobres boches a calcuiriar o mundo, sem saberem onde hão de pôr a bandeirinha. Em Palmela é que ficava muito bem, se nós deixássemos.

Titulos de revista

Todas as pessoas que tem escrito revistas de ano, para teatro, e são elas tres quartas partes da população total de Portugal e ilhas adjacentes, sabem a dificuldade que ha em encontrar um bom titulo para essas peças, tanto que já appareceu quem se lembrasse de fazer um dicionario apropriado, á semelhança do que se tem feito com as rimas, sinonimos, etc. Lêmos o projeto:



«A's duas por tres», «Em pó de gato», «Lume no olho», «Bico ou cabeça», «Pés pelas mãos»—e outros titulos, enchem quatrocentas paginas, que vão ser apreciadissimas, pelo que pouparam em trabalho aos srs. revisteiros.

—Que temos nós com isso? perguntarão.

Tem, porque nem toda a gente conhece a historia do ovo de Colombo e o nosso Eduardo Schwalbach, feliz autor da revista a que deu esse nome, tem-se visto atrapalhado para explicar o caso ás pessoas que ainda não foram á Trindade—e que poucas serão.

Um dia d'estes, quando teve de adiar a sua festa da 50.^a, em vista da suspensão de garantias, foi interrogado por um ignorante:

—O' sr. Schwalbach: porque é que chamou «Ovo de Colombo» á sua revista?

O eminente humorista:

—Para ter ensejo de dizer agora uma coisa engraçada.

EM FOCO



Nun'Alvares Pereira

Alberto Sousa, artista na pintura, Mario Salgueiro, artista n'outra via, Juntaram suas artes certo dia Em tarefa d'apreço, forte e pura.

Quem não conhece a altissima figura Do grande «Condestabre» santa e fria, Graças aos dois artistas a avalia N'uma pequena e esplendida brochura.

Por mim—confesso aqui o meu pecado, Ou, por outras palavras, sacrilegio— Nunca lhe tendo sido apresentado.

Mal conhecia o seu perfil egregio, Mas por causa do livro mencionado Julgo que andei com ele no collegio!

Belmiro.

—Que é? que é?

—Que estou com o ovo atravessado.

O caso é que nunca se viu um ovo que desse tantos pintos!

livros, livrinhos e livrecos

Fernão de Magalhães, escritos litterarios e politicos de J. M. Latino Coelho, coligidos e publicados sob a direcção de Arlindo Varela.—Excelente serviço se presta com esta publicação, abrindo com um trabalho digno do eminente e quasi esquecido escritor Latino Coelho. *Fernão de Magalhães* é prefaciado por Julio Dantas, o que representa mais um encantamento para o leitor, e outros documentos interessantissimos antecedem a obra, como uma carta autobiografica e um *Perfil de Latino Coelho*, devido á pena de Bulhão Pato. E' difficil juntar tantos elementos de valor u'um só volume.

Catalogo Comico, por Francisco Valença e Carlos Simões.—E' duplicado o prazer que todos os anos nos proporciona a exposição de belas artes, na rua Barata Salgueiro: a par da exposição apparece-nos sempre o comentario humoristico em que a prosa alegre de Carlos Simões acompanha as *charges* aos quadros, pelo illustre caricaturista Francisco Valença. E' claro que só o que tem merito merece parodia—conforme o barão de Roussado disse a proposito de *D. Jaime*. Assim o caricaturista não só não quer desvalorisar os quadros, mas mais os salienta com o seu lapis de inconfundivel alegria.

Nun' Alvares, iconografia portuguesa, organizada por Alberto de Sousa e Mario Salgueiro.—Eis uma iniciativa de que não ha a dizer senão bem e pena é que as exiguas dimensões d'este semanario—provisorias, felizmente—nos não permitam dar a desenvolvida

noticia que essas 37 paginas merecem. Só 37? Sim, mas é o caso de se dizer que os livros não se medem pelo numero de paginas, como os homens não se medem aos palmos.

Lucita, a cigana, por Carlos Negirão.—E' um poemeto sentido, cantando os tristes amores d'uma cigana e d'um principe. Agradou-nos a leitura.

Cantigas, de Bramão de Almeida.—Os ultimos serão os primeiros: reservamo-nos para dar noticia d'esta bellissima obra, quando para isso dispuzermos de espaço sufficiente.

Dadivas

Outro ministro portuguez condecorado: o sr. Norton de Matos, pelo rei de Inglaterra.

Estamos já a ouvir as *piadas* sobre o caso, mas como as que incidiram sobre o sr. Afonso Costa, nada mais tolo e descabido. Os reis dão o que tem ou julgam ter de mais valor e, por taes factos só se lhes devem agradecimentos.

O demonio, porém, é quando algum monarca vier de visita a Portugal; que se lhes ha de oferecer equivalente ás condecorações?

Estamos já a vêr o sr. presidente da Republica de então a presentear D. Afonso XIII com um fato de bom cheviote nacional e Jorge V com um gabbão de Aveiro...

Macho ou fêmea?

Levantou-se uma importante questão litterar o-recreativa entre os escritores srs. Joaquim Leitão e Afonso Lopes Vieira, porque este tratou em verso «o mar» por «la mar».

O que faltava é que um poeta não tivesse a liberdade de mudar o sexo ás coisas!

Obras primas

Chamam a nossa atenção para dois riquissimos *sonetos* publicados na folha funchalense *Diario da Madeira*, de 18 de abril. Ficámos realmente assaralhopados e lamentamos não poder transmitir ao leitor senão metade do jubilo que sentimos—isto é, apenas um dos sonetos, porque para mais não ha cabidela.

«Lá quando eu voar pelo espaço, Em gazes, já desfeito o organismo, Que os genios da justiça, e do civismo, Se recordem dos esforços que inda faço.

Alem a imprevidencia ha estropeado O mais lindo ideal que hei produzido, Aquem a imprevidencia ha tentado Estropear-me outro ideal, n'outro sentido.

Melhor fôra imprevidente haver nascido! Porque excentrico me não creram as multidoes, Quando lhes indico um bem que hei presenteado.

Mas após esta vem as novas gerações, A quem deixarei meu ideal esclarecido, Em materia das locaes locomogões.

IZIDRO GONSALVES.

Bonita obra.



MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

4.ª PARTE

MANECAS CONTRA MANECAS

1.º EPISÓDIO

(CONTINUAÇÃO)



1.—Como se sabe, o Manecas tinha telefonado ao Nariz de Folha. Espera-o, espreitando por um buraco da sua invenção.



2.—Eis o homem. Manecas abre a porta e vê com assombro que o recém-vindo é outro Manecas.



3.—o qual lhe aponta um horrível revólver.



4.—Apesar da sua provada coragem, Manecas recua e de súbito, junto à parede, é abraçado por uma forte mola de aço!



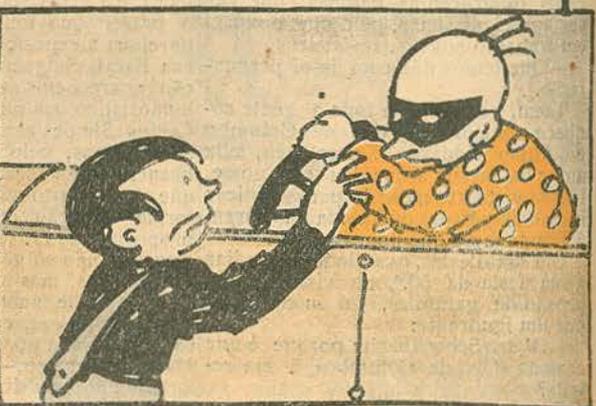
5.—O falso Manecas, que era o próprio Nariz de Folha, mete-se sem perda de tempo n'um automóvel.



6.—O Quim, de longe, avista o automóvel, vê as pintinhas do fato, julga que é realmente o Manecas e chama-o



7.—enquanto o verdadeiro Manecas geme desesperado, debatendo-se em vão contra a mola que o amola.



8.—Sem a menor desconfiança o Quim sobe para o automóvel, mal supondo que está de novo nas unhas do Nariz de Folha.

(CONTINUA).



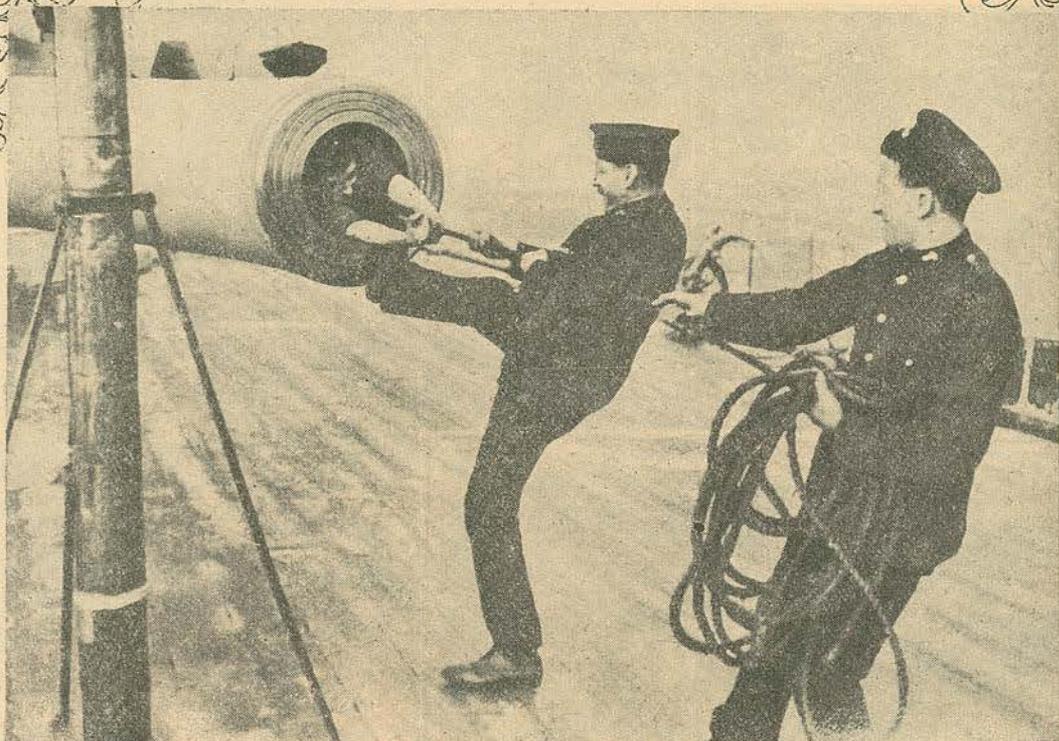
1. Um depósito de granadas alemãs tomadas no recente avanço.



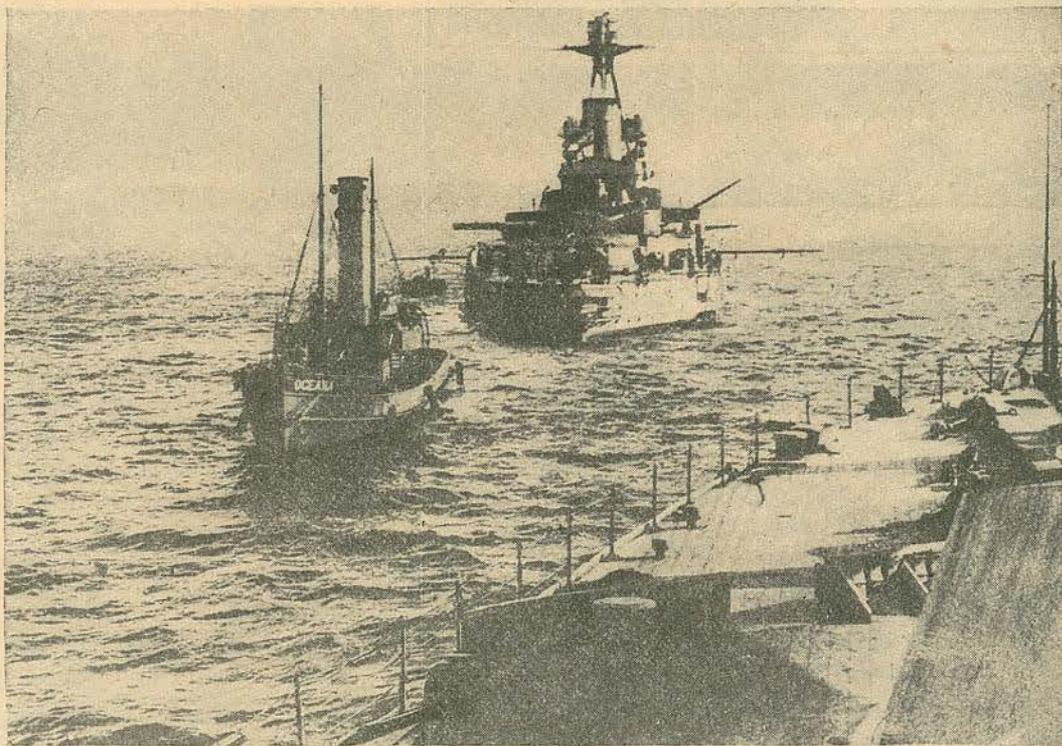
2. Um novo canhão «5-9» destruído pela artilharia inglesa.



A prova de que os alemães não esperavam ser repellidos no ultimo avanço é que tinham munições e bombas de todas as especies amontoadas em varios pontos.



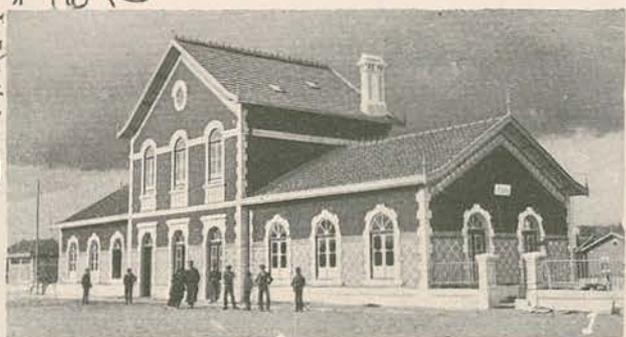
Tirando de um canhão Inglês de 15 polegadas um homem, que muitas vezes precisa entrar n'ele para fazer a limpeza.



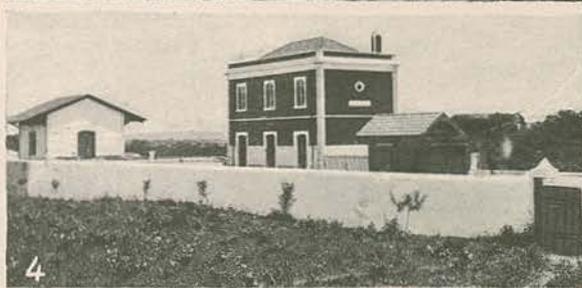
Um couraçado a reboque por ter sofrido algumas avarias

DE PORTIMÃO A LAGOS

Está quasi concluido o ramal do caminho de ferro de Portimão a Lagos. E' mais um melhoramen'to importante para a nossa formosa e fértil provincia do Algarve. Este troço de linha atravessa uma das suas regiões mais lindas, especial-



1. Estação de Lagos
2. Lagos: casas para habitação do pessoal e empregados
3. Estação de Portimão
4. Estação da Mexilhoeira Grande



mente na parte que se aproxima de Lagos, pois percorre alguns kilometros ao longo da grande bahia até entrar na respectiva estação. O viajante que, pela primeira vez, ali fôr ficará deslumbrado com o panorama da bahia, visto do comboio.

Lagos, graças aos recursos de que dispõe, ha de desenvolver-se altamente com o caminho de ferro. Esse desenvolvimento começa a manifestar-se.

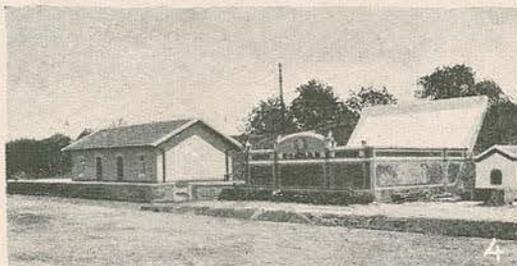
Na margem oposta do-rio ha uma grande área de terrenos que a camara municipal resolveu vender para construções, ten-



Rio de Lagos. Ao fundo a estação de Covo



Ponte em construção no rio de Portimão



2. Estação d'Alvôr.—4. Deposito d'água e casa de habitação na estação d'Alvôr.

3. Habitações para o pessoal na Mexilhoeira Grande.—5. Casa de guarda da linha.

do mandado levantar uma planta com os respectivos aruamentos e avenidas. Na primeira praça para a venda, foram comprados muitos talhões, chegando alguns a atingir o preço de escudos



2\$90 por metro quadrado! E as construções vão começar com todo o entusiasmo. Não tarda a cumprir-se a profecia: Lagos ainda ha de ser um grande porto da Europa.

Ponte de cimento armado no Rio Farelo (cuchês do distinto fotografo e caloroso propagandista das belezas do Algarve, sr. Antonio C. dos Santos).

A festa da flôr em S. João da Madeira



o grupo das damas que fizeram a venda da flôr

2. Assalto á moto do sr. Antonio Ribas, por mesdemoiselles Carlinda Palmares e Estrela Ribas. Na sid-car, o correspondente do *Seculo*, sr. José da S. Corrêa, e o menino Benjamin de Pinho.

Tambem as gentilissimas senhoras de S. João da Madeira, guiadas pelo mesmo acendrado patriotismo que levaram as de outras terras portuguezas a interessarem-se pela sorte dos nossos soldados na guerra, realizaram uma festa da flôr que decorreu animadissima e brilhante, tendo sido muito li-songeiros os seus resultados.



Um aspêto da venda da flôr

(Clichês do distinto fotografo, sr. Paul).



O sr. Morio Salgueiro

valor tem produzido, publicou recentemente o primeiro de uma série de volumes sobre iconografia portuguesa, o qual trata de uma fôrma brilhante d'essa colossal figura da nossa historia, que se chamou Nun'Alvares, o *Condestavel*. Entre os retratos que no elegante e artistico volume inserido do grande portuguez, figura a reprodução a tres cores do quadro a oleo pertencente aos atuaes marquezes de Pombal e o que acompanha a primeira edição

Nun'Alvares.—O sr. Mario Salgueiro, escritor e poeta muito distinto, investigador fino e consciencioso e que algumas obras de

do poema de Francisco Rodrigues Lobo e que era desconhecida até hoje.

Na obra colabora com o seu finissimo talento



Nun'Alvares, copia do retrato original pintado por o mestre Antonio Florentino.



O sr. Alberto de Souza

o primoroso aquarelista sr. Alberto de Souza, artista de grande talento, que tem n'este opusculo, que o sr. dr. Julio Dantas prefaciou, um dos seus mais recomendaveis trabalhos.

O livrinho é tambem enriquecido com uma interessantissima carta do conhecido critico d'arte sr. dr. José de Figueiredo acerca dos retratos de Nun'Alvares.

A edição, primorossissima, é da tipografia do «Anuario Comercial».



Teodoro dos Santos e Tomaz Vieira, vae percorrer os teatros do paiz, onde representará pequenas peças,

Troupe «Guignol».—Um grupo de artistas do Teatro Republica, dirigido pelos actores



tiva a dos simpaticos artistas, que de certo verão coroados do melhor exito.

Ferreira



da Silva, o ator querido do publico da capital, tambem tomará parte em algumas reci-



genero *Guignol*, sendo algumas portuguezas. E' uma bela iniciativa,



tas, representando as melhores peças do seu vastissimo repertorio.





INSTITUTO FEMININO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO.—Damos hoje um aspeto de uma cena do espectáculo que entra no programa da festa «Feira dos aliados» que no dia 10 se realiza n'este instituto, em Odivelas, promovida pelas alunas internas, filhas de officias e soldados, revertendo o produto a favor dos soldados em campanha. Na kermesse haverá lindas prendas feitas pelas alunas que em elegantes barracas venderão as sortes, vestidas com os costumes dos paizes em guerra. Todo o lindo e sumptuoso guarda roupa é gentilmente cedido pelo distinto «costumista» Castello Branco.



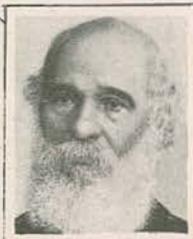
O'sr. dr. Antonio Barradas

O sr. dr. Alberto Saavedra

Tem tido o mais fervoroso acolhimento o livro *In Memoriam*, consagrado a Fialho d'Almeida. Foram seus illustres e benemeritos organizadores os srs. drs. Antonio Barradas, distinto medico portuense, e Alberto Saavedra.

A' memoria de um acad'mico. — Nas Caldas da Rainha foi sentidamente comemorado o falecimento

do distinto academico dr. Lucas Fernandes Falcão, descendente de uma das familias que mais notaveis se tornaram nas nossas lutas liberaes. Era irmão do dr. Clemente Fernandes Falcão, distinto medico em Miranda do Corvo, e primo do dr. José Joaquim P. Falcão, que foi lente da Universidade de Coimbra e ali chefe do partido republicano.



O sr. dr. Lucas Fernandes Falcão.



Concerto recentemente realizado no Porto pelas alunas da distinta professora de canto sr.ª D. Judith de Lima. Sentadas, da esquerda para a direita: mesdemoiselles Maria Augusta de Magalhães, Adelaide Pizarro, Dulce Abreu Lapa, Maria Amelia Pizarro; em pé, segundo plano: mesdemoiselles Maria Alice Viana Rato, Isaura Monseiro, Rosa Italia Teixeira, Elisa Monteiro, Helena A. Magalhães, Alzira Monteiro; Pastora Gonçalves, Irene Trindade dos Santos e D. Judith de Lima X; terceiro plano, mesdemoiselles Italia Menezes, Carolina Soares e Ernestina Magalhães.



O sr. Cesar Casqueiro

Segredos ás mulheres.— O sr. Cesar Casqueiro não é somente um escritor muito apreciado pela sua prosa cintilante; tambem é um poeta distinto, como o demonstra o seu elegante volume de versos, intitulado *Segredos ás mulheres*, em que o seu estro tem impressionantes vibrações.

Brevemente nos vae dar mais um livro *Contos e Cantos de Amor*, tendo tambem já em preparação uma novela *Junto da Igreja*.

Um importante armador.— O sr. Antonio Maria Lopes, com um vasto estabelecimento na rua da Palma n.º 5, é um dos nossos armadores mais acreditados. Possui material decorativo tão abundante e variado como de fino gosto, não se encontrando n'outra casa do genero objectos tão ricos e antigos. A sua competencia artistica tambem lhe tem merecido elogios em muitas decorações brilhantes, como já por vezes aconteceu no salão da «Ilustração Portuguesa».



O sr. Antonio Maria Lopes

Grupo da Comissão organisadora do bando precatorio, a favor das familias pobres dos soldados mobilisados, realisado nas Caldas da Rainha, e cujo produto, escudos 200\$00, foi entregue á sub-comissão da Cruzada das Mulheres Portuguezas.



cutou durante o trajeto.—4. Manuel Augusto de Carvalho, autor da poesia distribuída durante o trajeto.—5. Carlos Correia da Silva, ensaiador do hino-marcha.—6. Julio Marlino das Neves, presidente da comissão.—7. José de Souza Ramos, secretario da comissão.—8. Antonio Francisco Lopes, vogal da comissão.—9. Joaquim Guimarães Rodrigues, idem.—10. João Ramos, idem.—11. José Daniel, idem.—12. Virgilio Viagas, idem.—13. Manoel d'Oliveira Felizardo, idem.—14. Luiz A. d'Almeida, idem.—15. Joaquim A. da Costa, idem.—16. Joaquim d'Almeida, idem.—17. José F. Enxuto Junior, idem.—18. José Natario, idem.

1. Victor José Malhõa, tesoureiro da comissão.—2. José Bernardo, de quem partiu a iniciativa.—3. Salvador Fausto de Souza, autor do hino-marcha, que a filharmonica ex-

cutou durante o trajeto.—4. Manuel Augusto de Carvalho, autor da poesia distribuída durante o trajeto.—5. Carlos Correia da Silva, ensaiador do hino-marcha.—6. Julio Marlino das Neves, presidente da comissão.—7. José de Souza Ramos, secretario da comissão.—8. Antonio Francisco Lopes, vogal da comissão.—9. Joaquim Guimarães Rodrigues, idem.—10. João Ramos, idem.—11. José Daniel, idem.—12. Virgilio Viagas, idem.—13. Manoel d'Oliveira Felizardo, idem.—14. Luiz A. d'Almeida, idem.—15. Joaquim A. da Costa, idem.—16. Joaquim d'Almeida, idem.—17. José F. Enxuto Junior, idem.—18. José Natario, idem.

FESTA DA FLOR EM GUIMARÃES



As sr.ªs D. Rita Moura Machado e D. Maria Arminda Amaral, saindo da casa bancaria dos srs. Sousa Junior & C.ª



Tres gentis vendedoras ao sair da Escola Academica onde foram amavelmente recebidas e acompanhadas até á rua («Clichés» do distinto fotografo amador sr. J. Carlos Simões de Almeida).

A festa da flôr correu animadissima em todo o concelho de Guimarães e o seu resultado foi excelente. Só na cidade rendeu escudos 2.700\$00.

Estudantes de Coimbra



O dr. sr. José Rodrigues de Oliveira, regente da orquestra



O sr. Fernando Correla, autor da peça

O dr. sr. Azevedo Leitão, ensalador



O sr. dr. Matos-Chaves, que dirigiu as caracterizações



O sr. Iberico Nogueira, autor do cartaz e da capa da *Balada*, no papel de *Emília*



O sr. Barros Lopes no papel de *Engomadeira*



O sr. Heltor Correla, que apontou a peça



O sr. Vieira e Brito no papel de *Archeiro*



O sr. Carlos Figueiredo, tesoureiro da comissão e Fernando Correla, autor da peça

Todos os anos a despedida dos estudantes de Coimbra fica assinalada por festas teatraes que decorrem no meio do maior entusiasmo e nas quaes se dão boas provas de vocação artistica.

Os alunos da faculdade de medicina tiveram este ano uma revista interessantissima de costumes e acontecimentos academicos, com o titulo de *A' sombra do Esculapio*, no teatro Sousa Bastos, colhendo os que a representaram os mais calorosos aplausos.

Monumento ao barão do Rio Branco



O escultor sr. João Silva

Uma comissão de brasileiros residentes em Portugal, querendo prestar á memoria do grande homem de estado que foi o Barão de Rio Branco a sua homenagem, mandou fazer pelo distinto escultor portuguez sr. João Silva o monumento que reproduzimos e que é uma ma-



Aspetto da estatua pelo lado de traz



Aspectos lateraes da estatua

(Clichés Benol el).

ravilhosa manifestação de arte. O monumento destina-se ao atrio do ministerio dos estrangeiros no Rio de Janeiro e é todo trabalhado em bronze.

O distinto artista tem sido muito felicitado pela sua brilhante criação, que, com justiça, merece ser admirada e apreciada.



Seringas para senhoras, com protector de borracha macia e guarda de borracha.

Os artigos DE borracha

com a marca



são garantia infalível de qualidade uniforme e fina.

A Davol Rubber Company estabeleceu-se em 1874 e durante os ultimos 42 anos tornou-se a fabrica mais importante do mundo, no seu ramo.

Bolsas inteiriças para agua quente, de borracha do Pará seleccionada; garantidas.

DAVOL RUBBER COMPANY
Providence, R. I. U. S. A.



No. 62

Ex. mas Senhoras

Se guardam cabelo em casa queiram enviar á penteadora «La Madrileña» e vos fará um postico á moda com a maxima perfeição e por pouco dinheiro.

Responde-se por carta, dando quantas explicações se peçam. Envia se para a provincia e colonias.

Rua do Diario de Noticias, 61, r/c

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de respons. limitada

| | |
|--------------------------------------|---------------------|
| Ações..... | 300.000\$000 |
| Obrigações..... | 323.910\$000 |
| Fundos de reserva e amortisação..... | 206.400\$000 |
| Réis..... | 950.210\$000 |

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã). Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produçao anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papels de escrita, de impressao e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes = Escritorios e depositos: LISBOA, 270, Rua da Princesa, 276 - PORTO 49, Rua de Passos Manoel, 51. - Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa 605 - Porto 117.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

O Bico de Mamadeira "ANTI-COLIC" (ANTI-COLICA) MARCA DE FABRICA

Notem-se os tres orificios



TAMANHO "REGULAR"

Note-se a cabeça espherica



TAMANHO GRANDE

Note-se o rotulo azul

(ILUSTRAÇÕES de TAMANHO NATURAL)

NOS ESTADOS UNIDOS É USADA POR UM MILHÃO DE CRENÇAS E VENDIDA POR 25,000 PHARMACEUTICOS

AS RAZÕES PORQUE:

1. É uma mamadeira hygienica;
2. É uma mamadeira duradoura. A quantidade de borracha empregada é maior que a usada em quaisquer outras classes e por conseguinte durarao mais.
3. São fabricadas com a melhor qualidade de borracha e nao podem injuriar a bôcca da creança.
4. Têm cabeça espherica, o que permite que a creança os sustenha com maior firmeza.
5. Têm tres orificios permitindo a sahida facil do leite ou de qualquer outro alimento e impedindo que se achate, ao mesmo tempo contribuindo para conservar a bôcca da creança pequena e bem formada.

CADA UM DOS NOSSOS BICOS DE MAMADEIRA,

MARCA "ANTI-COLIC," (ANTI-COLICA) TEM UM ROTULO COMO O QUE A SEGUIR ILLUSTRAMOS, AO REDOR DO PESCOÇO



TOMEM NOTA DE ESTE ROTULO E NÃO ACCIEM OUTRO BICO DE MAMADEIRA DIFFERENTE.

FABRICADA em 3 CÔRES
BORRACHA PURA (PRETA)
BRANCA É VERMELHA

EXIGA DO -SEU PHARMACEUTICO OS BICOS DE MAMADEIRA

"ANTI-COLICA"

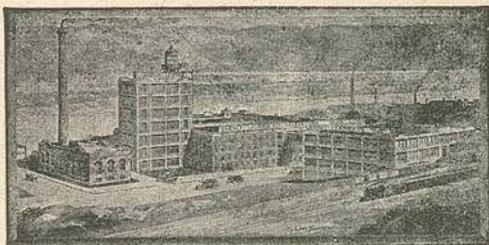
FABRICADO PELA
DAVOL RUBBER CO.
PROVIDENCE, R. I. (E. U. da A.)

BARNET LEATHER COMPANY

81, FULTON St.

New-York, N. Y.

E. U. A.



Fabricas da Barnet Leather Co. em Little Falls, N. Y.

Cuja especialidade é o fabrico de couros de bezerro para calçado em preto, branco, côres e verniz tanto lisos como frizados.

Enviam-se amostras a quem lh'as pedir e correspondem em portuguez.

COLGATE'S TALC POWDER

PÓ de TALCO COLGATE

SUBSTITUE COM GRANDES VANTAGENS O PÓ D'ARROZ

Indispensavel na hygiene das creanças e na toilette dos adultos

À venda em todos os bons estabelecimentos

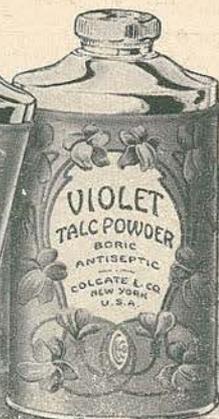
AGENTES GERAES:

Sociedade Luzo-Americana dos Estabelecimentos

'GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, L.^{DA}

Rua da Prata, 145

LISBOA



A. M. Skilton